

## A LIQUIDAÇÃO DAS POLÍTICAS DE SEGURANÇA ALIMENTAR NO BRASIL: A FOME É FEMININA

**The liquidation of food security policies in Brazil: hunger is female**

*Marina Gusmão de Mendonça<sup>1</sup>*

**Resumo:** Desde a chegada dos portugueses, em 1500, o Brasil tem sido assolado periodicamente pela fome. O fenômeno foi recorrente durante todo o período colonial e permaneceu depois da Independência. Desde então, surtos de fome têm assolado o Brasil, apesar de o país ter a quinta extensão territorial e a sétima maior população do mundo, além de imensos recursos naturais. Esse quadro trágico só conheceu uma breve interrupção durante os governos do Partido dos Trabalhadores (PT), entre 2003 e 2016, em que medidas mais efetivas foram tomadas para enfrentar o flagelo. O resultado viria em 2014, quando o relatório da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), informou que o Brasil cumprira as metas de diminuir pela metade a parcela de sua população que padecia de fome. Mas a reversão dessa conquista se deu rapidamente, a partir do governo de Michel Temer (2016-2018), com a implantação de uma pauta ultraneoliberal, que levou à piora de todos os indicadores sociais. E se agravou durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), que conduziu o país a uma tragédia humanitária, com mais de 700 mil mortos por Covid-19, 33 milhões de pessoas passando fome, 125 milhões de indivíduos em estado de insegurança alimentar e a quase dizimação do povo Yanomami. Neste texto, procuramos apontar os elementos que propiciaram a vitória contra a fome e as políticas adotadas a partir de 2016, que levaram à reversão das condições existentes em 2014, indicando também que a volta do país ao mapa da fome foi especialmente trágica para a população feminina, a mais duramente atingida pela destruição das políticas voltadas para a segurança alimentar.

**Palavras-chave:** Brasil; Fome; Insegurança Alimentar; População Feminina

---

<sup>1</sup> Bacharel em História e Direito pela Universidade de São Paulo (USP); Mestre e Doutora em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FLCH-USP); possui Pós-Doutorado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (FFC-UNESP) - campus de Marília; Professora Adjunta do Departamento de Relações Internacionais da Escola Paulista de Política, Economia e Negócios da Universidade Federal de São Paulo (EPPEN-UNIFESP) - campus de Osasco; Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (FFC-UNESP) - campus de Marília; Pesquisadora Convidada da Cátedra Josué de Castro de Sistemas Alimentares Saudáveis e Sustentáveis da Universidade de São Paulo (Cátedra J.Castro/USP) - endereço eletrônico: mgmendonca@unifesp.br).

**Abstract:** Since the arrival of the Portuguese in 1500, Brazil has been periodically ravaged by famine. The phenomenon was recurrent throughout the colonial period and continued after Independence. Since then, outbreaks of hunger have plagued Brazil, despite the country having the fifth largest territorial area and the seventh largest population in the world, as well as immense natural resources.

This tragic situation only experienced a brief interruption during the Workers' Party (PT) governments, between 2003 and 2016, when more effective measures were taken to combat the scourge. The result would come in 2014, when the report from the Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO) reported that Brazil had met its goals of reducing by half the portion of its population that suffered from hunger. But this achievement was reversed quickly, starting with Michel Temer's government (2016-2018), with the implementation of an ultra-neoliberal agenda, which led to the worsening of all social indicators. And it worsened during the government of Jair Bolsonaro (2019-2022), which led the country to a humanitarian tragedy, with more than 700,000 deaths from Covid-19, 33 million people going hungry, 125 million individuals in a state of insecurity food and the near decimation of the Yanomami people.

In this text, we seek to point out the elements that led to victory against hunger and the policies adopted from 2016 onwards, which led to the reversal of the conditions that existed in 2014, also indicating that the country's return to the hunger map was especially tragic for women, the hardest hit by the destruction of policies aimed at food security.

**Keywords:** Brazil; Hunger; Food Insecurity; Female Population

## **Introdução**

Desde a chegada dos portugueses, em 1500, o Brasil tem sido assolado periodicamente pela fome. O fenômeno foi recorrente durante todo o período colonial e permaneceu depois da Independência, chegando ao ápice na grande seca de 1876-1879, que devastou o Nordeste do país e produziu entre 500 mil e 1 milhão de mortos. Repetiu-se no início da República, entre 1896 e 1900 (DAVIS, 2002, p. 17). Desde então, surtos de fome têm assolado o Brasil, apesar de o país ter a quinta extensão territorial e a sétima maior população do mundo, além de imensos recursos naturais.

Esse quadro trágico só conheceu uma breve interrupção durante os governos do Partido dos Trabalhadores (PT), entre 2003 e 2016, em que medidas mais efetivas foram tomadas para enfrentar o flagelo. O resultado viria em 2014, quando o relatório da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), informou que o Brasil cumprira as metas de diminuir pela metade a parcela de sua população que padecia de fome, pois, segundo o documento, entre 2002 e 2013, o país reduziu em 82% a população em estado de subalimentação (FAO, 2014). Saliente-se que esta vitória estava plenamente de acordo com a agenda da Organização das Nações Unidas (ONU), que viria a ser elaborada em 2015, e na qual se afirmavam os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) para 2030, entre os quais se destacava a eliminação da fome.

Mas a reversão dessa conquista se deu rapidamente, a partir do governo de Michel Temer (2016-2018), com a implantação de uma pauta ultraneoliberal, que levou à piora de todos os indicadores sociais. E se agravou durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), que conduziu o país a uma tragédia humanitária, com mais de 700 mil mortos por Covid-19, 33 milhões de pessoas passando fome, 125 milhões de indivíduos em estado de insegurança alimentar e a quase dizimação do povo Yanomami.

Assim, retomar, ampliar e consolidar as políticas que permitiram a redução da pobreza e, conseqüentemente, a retirada do Brasil do mapa da fome, é tarefa das mais urgentes. Neste texto, procuraremos apontar os elementos que propiciaram a vitória contra a fome e as políticas adotadas a partir de 2016, que levaram à reversão das condições existentes em 2014, conduzindo à situação atual, que condena cerca de 33 milhões de brasileiros a não ter condições de comer, e mantém mais de 125 milhões de pessoas em estado de insegurança alimentar. Por fim, procuraremos indicar que a volta do país ao mapa

da fome foi especialmente trágica para a população feminina, a mais duramente atingida pela destruição das políticas voltadas para a segurança alimentar.

### **A reversão das políticas de combate à fome a partir de 2016**

No relatório de 2014, a FAO apontou os fatores que permitiram que o Brasil saísse do mapa da fome. Segundo a instituição, a vitória nessa luta deve ser atribuída a: 1) aumento da oferta de alimentos, permitindo que a disponibilidade de calorias para a população aumentasse 10% em 10 anos; 2) elevação da renda dos mais pobres, a partir do aumento de 71,5% do salário mínimo e da criação de 21 milhões de empregos; 3) programa Bolsa Família, que passou a beneficiar 14 milhões de famílias; 4) programa da Merenda Escolar, que proporcionou refeições para 43 milhões de crianças e jovens; 5) recriação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA); 6) estabelecimento de prioridades políticas e orçamentárias em relação às necessidades; e 7) fortalecimento da agricultura familiar mediante créditos e compras públicas (CAMPELLO, 19/7/2021).

Conforme destacado anteriormente, a destruição das políticas voltadas para o aumento do emprego e da renda da população e, conseqüentemente, para o combate à fome no país começaram a ser revertidas durante o governo de Michel Temer, como é o caso do fim da política de aumento real do salário mínimo, a partir de 2017, em nome de uma suposta austeridade fiscal. A partir de abril de 2019, já no governo Bolsonaro, o desmonte da política de valorização do salário mínimo seria agravada, e a correção do valor passaria a ser inferior à inflação do ano anterior.

Por outro lado, a reforma trabalhista (Lei 13.467/2017), contrariando os argumentos favoráveis à sua implantação, não levou ao aumento do emprego, reduziu os salários médios e jogou milhões de trabalhadores na informalidade. Por fim, sob a alegação de necessidade de controle e austeridade fiscal, a promulgação da chamada PEC do Teto de Gastos (Emenda Constitucional nº 95) instituiu a limitação dos gastos públicos por 20 anos. Dessa forma, os gastos orçamentários passaram a ser corrigidos exclusivamente com base no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) do ano anterior, desconsiderando emergências sanitárias, como é o caso da pandemia de Covid-19, desastres naturais e até mesmo o crescimento vegetativo da população.

O resultado seria o aumento exponencial da taxa de desocupação que, se em dezembro de 2014 estava em 6,5%, passou para 8,9% em dezembro do ano seguinte, para

11,2% em maio de 2016 (quando se deu o afastamento de Dilma Rousseff<sup>2</sup>), e para 11,6% ao final do mandato de Michel Temer (IBGE, 24/5/2021).

### **O aumento da pobreza e o desmonte das políticas de combate à fome no governo Jair Bolsonaro**

Os índices apontados acima continuaram a subir com a posse de Jair Bolsonaro na presidência da República, atingindo 12,7% em março de 2019. Caíram um pouco ao longo daquele ano, e no início da pandemia de Covid-19, em março de 2020, estava em 12,2%, mas ao final do ano chegou a 13,9%. Finalmente, em fevereiro de 2021, quando a pandemia completou 12 meses, o nível de desocupação afetava 14,7% da população economicamente ativa (IBGE, 24/5/2021).

A partir de então, a taxa de desemprego caiu lentamente: para 14,8% (abril/2021), 14,7% (maio/2021), 14,2% (junho/2021), 13,7% (julho/2021), 13,1% (agosto/2021), 12,6% (setembro/2021), 12,1% (outubro/2021), 11,6% (novembro/2021), 11,1% (dezembro/2021), subindo de novo para 11,2% (janeiro/2022), índice que se manteve em fevereiro (IBGE, 10/4/2022). Em março o índice baixou novamente para 11,1%, o que corresponde a 12 milhões de pessoas desempregadas no Brasil (VIEIRA, 29/4/2022). Ou seja: somente no início de 2022 – portanto, quase seis anos após o afastamento de Dilma Rousseff da Presidência da República - a taxa de desocupação voltou ao mesmo patamar de maio de 2016.

Do mesmo modo, a pobreza extrema aumentou 2% entre 2014 e 2019, atingindo neste ano cerca de 13,7 milhões de brasileiros (FOLHA DE S. PAULO, 12/11/2020), o que só tendeu a piorar com o início da pandemia, tendo em vista o consequente agravamento da crise econômica, com o fechamento de inúmeras empresas e atividades, e a perda de empregos e renda. O resultado foi a redução do número de pessoas que mantinha algum rendimento do trabalho, de 92,8 milhões para 84,7 milhões. Além disso, o rendimento médio mensal real dos trabalhadores caiu 3,4% em 2020. Naquele ano, cerca de 8,1 milhões de pessoas deixaram de ter algum ganho proveniente do trabalho, sendo que 66% desse contingente eram de pretos ou pardos (CARDIM, LIMA, 20/11/2021).

---

<sup>2</sup> A abertura de processo de *impeachment* pelo Senado Federal ocorreu em 12 de maio de 2016, e Dilma Rousseff foi afastada do cargo por 180 dias. A conclusão do processo se deu em 31 de agosto de 2016, quando então a presidente foi substituída por Michel Temer.

Em 2015, o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento - Banco Mundial (BIRD) considerou o valor de US\$ 5,50/dia/pessoa para o limite da pobreza, e de US\$ 1,90/dia/pessoa para a extrema pobreza. Segundo esses critérios, entre 2019 e 2020, ocorreu uma redução percentual no Brasil, no que diz respeito ao número de pobres e miseráveis, de 6,8% para 5,7%. Por outro lado, o chamado Auxílio Emergencial, criado pela Lei 13.982/2020 em função da pandemia, diminuiria um pouco o impacto da crise nas condições de sobrevivência da população, mas não foi capaz de reverter o quadro de agravamento da miséria. Dessa forma, o número de pessoas que, de acordo com a nomenclatura do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), recebiam *outros rendimentos* cresceu de 16,4 milhões, em 2019, para 30,2 milhões, em 2020. Considerando-se o número de domicílios beneficiados por algum valor oriundo de programas sociais, o índice subiu de 0,7%, em 2019, para 23,7%, em 2020 (IBGE, 23/4/2022).

O Auxílio Emergencial começou a ser pago a partir de abril daquele ano, em até 9 parcelas, sendo as 5 primeiras de R\$ 600,00 (correspondentes aproximadamente a US\$ 3,66/dia), e as quatro últimas de R\$ 300,00 (cerca de US\$ 1,93/dia) (ISTO É DINHEIRO, 27/11/2020). Tendo em vista que se destinava a famílias inteiras, o valor era muito inferior àquilo que o Banco Mundial considera como o limite da extrema pobreza (ONU NEWS, 5/10/2015).

Um dado que chama a atenção é o fato de que, ao lançar o Auxílio Emergencial, o governo Bolsonaro abandonou o Cadastro Único, e os beneficiários passaram a fazer as inscrições por meio de um aplicativo, sem que houvesse conferência por parte de assistentes sociais. Isto levou a milhões de fraudes, e o Tribunal de Contas da União (TCU) chegou a identificar cerca de 3,5 milhões de pagamentos indevidos (MARTINS, 28/12/2022, p. 43).

O compromisso de pagamento por parte do governo se encerrou em 31 de dezembro de 2020. Somente em março de 2021 foi editada a Medida Provisória nº 1.039, que recriou o Auxílio Emergencial, mas limitado ao máximo de R\$ 250,00 (aproximadamente US\$ 1,48/dia) (DOU, 18/3/2021), isto é, muito abaixo daquilo que o BIRD considera a linha da pobreza extrema. Ademais, em 29 de outubro de 2021 foi feito o pagamento da última parcela do Bolsa Família. O programa, criado pela Lei 10.835, de janeiro de 2004, foi extinto a partir de 1º de novembro de 2021 pelo governo Bolsonaro, que o substituiu pelo Auxílio Brasil, resultante da edição da Medida Provisória nº 1.061, e com duração limitada a 31 de dezembro de 2022. Do mesmo modo, o governo também eliminou o Auxílio Emergencial, e seus beneficiários não foram incluídos no Auxílio Brasil. Isto significa que

mais de 22 milhões de pessoas permaneceriam sem qualquer ajuda do governo, num cenário de crise econômica e sanitária. Com isso, houve queda de 9,7% da renda média do brasileiro entre novembro de 2020 e janeiro de 2022, mesmo com a redução do desemprego (MALAR, 18/3/2022). Foi ainda autorizada contratação de empréstimo consignado pelos beneficiários de programas de transferência de renda, com desconto na fonte.

### **Os efeitos do desmonte das políticas sociais na segurança alimentar da população**

Como se vê, a situação se tornou gravíssima, e a fome ou a insegurança alimentar passaram a atingir milhões de pessoas em todo o Brasil, principalmente a partir de março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a existência de uma pandemia, e paralisaram-se todas as atividades econômicas.

O resultado não poderia ser outro. De fato, de acordo com os resultados referentes a 2020 e 2021, apresentados nos dois *Inquéritos Nacionais sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19 no Brasil*, elaborados pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (PENSSAN), os efeitos da pandemia atingiram em cheio as condições de vida, trabalho e alimentação em todo o Brasil (MALUF, 2021).

Mas isso não é tudo. Como mostra o relatório da FAO de 2022, as mulheres tendem a ser afetadas mais gravemente por crises econômicas, sanitárias e alimentares. Isto se verificou claramente a partir de 2020, com o advento da pandemia de Covid-19, fenômeno que se agravou em 2021 no mundo todo (FAO, 2022, p. 59-60).

Os resultados dos inquéritos realizados pela Rede PENSSAN corroboram os dados obtidos pela FAO, e mostram também um outro aspecto da pobreza e da insegurança alimentar da população brasileira, referente à questão de gênero. É o que se pode ver nas tabelas abaixo:

**Tabela 1. Distribuição percentual de Segurança/Insegurança Alimentar segundo sexo da pessoa referência do domicílio – Brasil, 2020**

Sexo	Segurança Alimentar	Insegurança Alimentar Leve	Insegurança Alimentar Moderada	Insegurança Alimentar Grave
Masculino	52,5	32,1	7,7	7,7
Feminino	35,9	37,0	15,9	11,1

Fonte: MALUF, 2021, p. 42.

**Tabela 2. Distribuição percentual de Segurança/Insegurança Alimentar segundo sexo da pessoa referência do domicílio – Brasil, 2021**

Sexo	Segurança Alimentar	Insegurança Alimentar Leve	Insegurança Alimentar Moderada	Insegurança Alimentar Grave
Masculino	46,4	28,5	13,2	11,9
Feminino	35,9	27,4	17,4	19,3

Fonte: MALUF, 2022, p. 36.

**Tabela 3. Percentual de domicílios com relato de endividamento por pelo menos um morador, segundo condição de Segurança/Insegurança alimentar, por sexo da pessoa de referência – Brasil, 2021/2022**

Sexo	Segurança Alimentar	Insegurança Alimentar Leve	Insegurança Alimentar Moderada	Insegurança Alimentar Grave
Masculino	22,9	34,5	21,2	21,4
Feminino	16,4	28,5	26,0	29,1

Fonte: CHAVES, 2023, p. 76.

Verifica-se, portanto, que a fome é feminina, pois, conforme destacado nos relatórios, a diferença quanto à insegurança alimentar entre famílias chefiadas por homens ou mulheres aumentou de 7,0% para 7,4%, entre 2020 e 2021. E a cada três lares chefiados por homens, há cinco lares chefiados por mulheres onde os habitantes convivem com a fome (VANUCCHI, CAMARGO, 2022, p. 70).

Esse fato também foi destacado por Marcelo Neri, no relatório *Insegurança Alimentar no Brasil: Pandemia, Tendências e Comparações Internacionais*, publicado pela FGV Social, em 2022. Segundo os dados apurados, houve significativas mudanças em relação à

insegurança alimentar no Brasil, entre 2014 e 2021, de acordo com o sexo. É o que se pode ver na tabela a seguir:

**Tabela 4. Brasil. Mudanças na insegurança alimentar. Falta de dinheiro para comprar comida – Total e por sexo (%)**

<b>Ano</b>	<b>2014</b>	<b>2019</b>	<b>2021</b>
<b>Total</b>	17,0	30,0	36,0
<b>Homem</b>	14,0	27,0	26,0
<b>Mulher</b>	20,0	33,0	47,0

**Fonte:** NERI, 5/2022, p. 6.

O mesmo estudo mostra uma comparação entre a situação das mulheres no Brasil e no mundo, no que diz respeito à insegurança alimentar:

**Tabela 5. Retrato da Insegurança Alimentar: o Brasil e o Mundo, 2021. Falta de dinheiro para comprar comida por gênero (%)**

<b>2021</b>	<b>Mundo</b>	<b>Brasil</b>
<b>Total</b>	35,0	36,0
<b>Homem</b>	33,0	26,0
<b>Mulher</b>	37,0	47,0

**Fonte:** NERI, 5/2022, p. 11.

O problema é ainda mais grave se considerarmos que, de acordo com pesquisa feita pelo IBGE, em 2021, o número de pessoas do sexo feminino no Brasil era de 108,7 milhões (51,1% da população), enquanto o de homens era de 103,9 milhões (48,9% da população) (CORSINI, 22/7/2022). Isto significa que, entre os homens, 27,01 milhões passavam por insegurança alimentar, enquanto, entre as mulheres, este número era de 51,08 milhões, isto é, quase o dobro.

Verifica-se, portanto, que houve no Brasil uma feminização da fome. Conforme destacou Marcelo Neri,

Observamos crescente e marcada assimetria de insegurança alimentar entre homens e mulheres no Brasil. De 2019 a 2021, houve queda de 1 ponto percentual para homens (cai de 27% para 26%) e aumento de 14 pontos percentuais entre as mulheres (sobe de 33% para 47%). Como resultado, a diferença entre gêneros da insegurança alimentar em 2021 é 6 vezes maior no

Brasil do que na média global. As mulheres, principalmente aquelas entre 30 e 49 anos, onde o aumento foi maior, tendem a estar mais próximas de crianças e gerando consequências para o futuro do país, uma vez que a subnutrição infantil deixa marcas permanentes físicas e mentais para toda a vida (NERI, 2022, p. 3).

Um dos elementos que contribuem para esta situação é o fato de que, no Brasil, tradicionalmente as mulheres recebem, em média, 20% a menos que os homens, mesmo quando pessoas dos dois gêneros ocupam os mesmos postos, têm o mesmo nível de escolaridade e a mesma idade (FIGUEIREDO, 18/7/2022). Assim, mesmo antes da pandemia, as mulheres já eram mais afetadas pela fome do que os homens. Saliente-se também que dados do IBGE sobre a queda de renda dos brasileiros no quarto trimestre de 2021 indicam que esta diminuição foi de 10,7% na média do país, sendo que, para as mulheres foi mais intensa (11,2%) do que para os homens (10,4%) (FIGUEIREDO, 18/7/2022).

Segundo a historiadora Adriana Sahy, um dos motivos para as mulheres terem sido mais atingidas pela insegurança alimentar durante a pandemia se deve ao papel que exercem em relação ao cuidado com as pessoas próximas. Segundo ela, *“com o fechamento das escolas, as crianças ficaram em casa e muitas mulheres saíram do mercado de trabalho para que pudessem exercer o cuidado, que é uma função não remunerada e tida socialmente como um papel feminino”*. E complementa:

Algumas pesquisas mais recentes mostram que a mulher é a primeira pessoa que passa fome na casa porque elas fazem a gestão do alimento no lar. Com isso, elas fazem um mecanismo de dar comida primeiro para as crianças, depois para os parceiros e, por fim, para si (Apud FIGUEIREDO, 18/7/2022).

Como se vê, a pandemia exacerbou um quadro que já era, em todos os sentidos, extremamente grave, atingindo especialmente mulheres, que constituem, significativamente, a maioria da população brasileira.

E isso não ocorreu por acaso. De fato, de acordo com o relatório apresentado pela *Food for Justice*, a piora nas condições de segurança alimentar da população se deveu às restrições orçamentárias e aos retrocessos institucionais verificados a partir de 2016 e agravados no governo Bolsonaro, como são os casos da extinção do CONSEA, a inoperância da Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional (CAISAN), e a falta do II Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PLANSAN), que estabelece o planejamento e a execução da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN), provocando o agravamento das condições de segurança alimentar da população no contexto da pandemia (GALINDO et al, 2021, p. 4).

Some-se a isto a questão da inflação de alimentos, que atinge profundamente a população mais pobre. A esse respeito, é preciso considerar, primeiramente, que este é um fenômeno mundial, como se verifica dos dados divulgados pela FAO em novembro de 2021, que apontavam para o fato de o preço dos alimentos ser o mais alto dos últimos 10 anos, atingindo um aumento de 31,3% em relação a outubro de 2020 (CNN BRASIL, 4/11/2021). A situação, no entanto, piorou muito desde então, como se pode ver do Índice de Preços dos Alimentos (FFPI) da FAO, o maior em 100 anos, tendo sido superado apenas durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e na pandemia de gripe espanhola (1918-1919).

É preciso salientar que, no caso brasileiro, o problema se acentua, pois, conforme destacou Jean Marc Von Der Weid,

Nos últimos 20 anos (...), a inflação de alimentos ficou abaixo da inflação geral em seis anos. Entre 2003 e 2006, (...) a alta dos preços dos alimentos entrou em um descenso consistente, de 7,48% até 1,23% ao ano, acompanhada da queda também contínua e consistente do IPCA, de 9,30% até 3,4%. No segundo governo de Lula<sup>3</sup>, a inflação dos alimentos deu um salto (...), 10,79%, 11,11% e 10,39% nos anos de 2007, 2008 e 2010. (...) Nestes anos, o IPCA também subiu, mas menos, 4,46%, 5,9% e 5,91%. (...) Depois deste período a inflação de alimentos esteve sempre acima do IPCA, em vários anos com valores até três vezes maiores. Houve um ano excepcional, 2017, em que a inflação de alimentos foi negativa, 1,87%, para uma inflação geral de 2,95% (DER WEID, 27/2/2023).

A partir de 2020, o problema se agravou, e os preços dos alimentos têm sido fortemente afetados pela alta dos preços como um todo (GALINDO et al., 2021; AGÊNCIA BRASIL, 11/1/2022), com impacto mais expressivo no setor de transportes, na habitação e nos alimentos, que correspondem à maior parte da composição do IPCA. O índice continuou a se elevar em 2022, atingindo 1,62% em março, o maior para este mês desde 1994, chegando a 3,2% somente no primeiro trimestre do ano, e 11,3% nos 12 meses imediatamente anteriores. Os principais impactos foram provocados por transportes (3,02%) e alimentos e bebidas (2,42%), preços que representam cerca de 43% no cálculo mensal do IPCA (ALVARENGA, 8/4/2022).

Evidentemente, o efeito desse aumento é maior entre os mais pobres, para quem os gastos com alimentação consomem 20,94% da renda, chegando a 23,84% para as famílias que vivem com no máximo cinco salários mínimos. De fato, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) de 2021, também calculado pelo IBGE, e que aponta os preços pagos pelas famílias mais pobres, atingiu 10,16% em 2021 (AGÊNCIA BRASIL, 11/1/2022).

---

<sup>3</sup> O segundo governo Lula se estendeu de 1º de janeiro de 2007 a 31 de dezembro de 2010.

Note-se também que os aumentos explosivos não se restringem aos alimentos, pois, de outubro de 2020 a outubro de 2021 houve elevação dos preços de vários itens essenciais, tais como: botijão de gás (34,67%); energia elétrica (28,82%), gás encanado (20,36%), artigos de limpeza (6,36%) e aluguel (5,42%) (COSTA, 31/10/2021).

Em contrapartida, os reajustes do salário mínimo foram muito inferiores aos da inflação. Assim, se em janeiro de 2019 era de R\$ 998,00, passou a R\$ 1.045,00 em janeiro de 2020, R\$ 1.100,00 doze meses depois, e R\$ 1.212,00 em janeiro de 2022 (G1 ECONOMIA, 31/12/2021). Diante desses dados, é preciso assinalar que, embora em moeda nacional tenha havido aumentos no salário mínimo em relação aos anos anteriores (4,7%, 5,26% e 10,18%, respectivamente), quando calculado em dólar, ocorreu estabilidade entre 2019 e 2020, e queda significativa em 2021, patamar em que se manteve em 2022, passando de US\$ 259,22, para US\$ 259,95, para US\$ 213,17 e para US\$ 215,27, respectivamente (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 27/4/2022).

Ao mesmo tempo, o preço da cesta básica na cidade de São Paulo subiu de R\$ 467,65 em janeiro de 2019 (46,85% do salário mínimo), para R\$ 517,51 doze meses depois (49,52% do salário mínimo), para R\$ 654,15 em janeiro de 2021 (59,46% do salário mínimo), atingindo, em setembro de 2021, R\$ 673,45 (61,22% do salário mínimo). Com a aceleração da inflação, a cesta básica em São Paulo chegou a R\$ 761,19, em março de 2022 (elevação de 6,36% em relação ao mês anterior), o que corresponde a 62,8% do salário mínimo (DIEESE, 6/4/2022).

Esses dados apontam para uma verdadeira tragédia, que atinge principalmente a parcela mais pobre da população, sem que o governo federal tome quaisquer medidas para mitigar o problema. E o desmonte das instituições voltadas para a segurança alimentar, que tem levado ao aumento dos preços dos alimentos, foi agravado pela política de preços adotada pela Petrobras S/A. desde o governo de Michel Temer, e mantida pelo governo de Jair Bolsonaro (JAGER, 24/9/2021).

A invasão da Ucrânia pela Rússia, em 24 de fevereiro de 2022, provocaria um choque nos preços do petróleo. Este, que valia US\$ 96,84 antes da operação militar, imediatamente se elevou, atingindo o pico de US\$ 130,00 em 8 de março de 2022 (FERRARI, 8/3/2022). Caiu um pouco em decorrência de diversas medidas tomadas pelos países produtores e exportadores, mas a tendência parece ser a manutenção de preços muito elevados, o que terá impactos sobre o valor dos combustíveis no Brasil e, conseqüentemente, dos alimentos.

Mas além da elevação do preço do petróleo, que tem impacto em todas as cadeias produtivas, há outras consequências da guerra em relação aos alimentos. Conforme ressaltou José Eustáquio Diniz Alves,

a guerra entre Ucrânia e Rússia ameaça o abastecimento global de alimentos. A Ucrânia e a Rússia são os principais exportadores de alguns dos alimentos mais básicos do mundo, representando juntos cerca de 29% das exportações globais de trigo, 19% da oferta mundial de milho e 80% das exportações mundiais de óleo de girassol. Mas a Rússia também exporta nutrientes agrícolas, bem como gás natural, que é fundamental para a produção de fertilizantes à base de nitrogênio. Cerca de 25% do suprimento europeu dos principais nutrientes das culturas, nitrogênio, potássio e fosfato, vêm da Rússia. Portanto, com as condições geopolíticas desarticuladas, as maiores fontes de matéria-prima para a produção de alimentos estão sujeitas a limitações e não há alternativa de curto prazo. (...) Historicamente, o aumento do preço dos alimentos provoca uma elevação do percentual da população mundial sujeita à fome e à insegurança alimentar (ALVES, 8/4/2022).

O governo Bolsonaro tratou de salientar as questões da pandemia e da guerra para justificar a alta do preço dos alimentos. Esses fatores agravaram, sem dúvida, o problema no Brasil. Mas não são suficientes para explicar o fenômeno. Na verdade, a inflação de alimentos no país está muito mais ligada a questões internas, em que se destacam a política cambial, a primarização do comércio externo, a desindustrialização, a concentração de terras e o mercado de *commodities* (COSTA, 12/5/2022).

Essa tendência de reprimarização da pauta de exportações parece ser, na verdade, o objetivo da política econômica implantada a partir do golpe de 2016 e acentuada no governo Bolsonaro, porquanto, ao que tudo indica, busca-se anular todo o avanço conquistado pela população brasileira desde 1930, com a destruição da indústria e a total dependência da exportação de produtos primários. Conforme destacou Guilherme Delgado, ao privilegiar o agronegócio em detrimento de outros setores da economia, com o objetivo de criar saldos na balança comercial, o governo criou um desequilíbrio estrutural que gera impactos nos preços dos produtos voltados para o mercado interno, inclusive os alimentos (COSTA, 12/5/2022).

O resultado de tudo isso não poderia ser outro. Nas últimas semanas de julho de 2021, jornais e portais da Internet noticiaram um fato aterrador: a formação de uma imensa fila na rua lateral do Atacadão da Carne, em Cuiabá, capital do Mato Grosso, em que pessoas esperam sob o sol até que, às 11 horas da manhã, um funcionário inicie a distribuição daquilo que sobrou da desossa do boi. Por outro lado, os supermercados passaram a oferecer

fragmentos de arroz ou feijão quebrado para substituir os principais itens da dieta dos brasileiros (MARCEL, 25/7/2021).

Mas como se essa degradação não fosse suficiente, o que parecia impensável passou a acontecer: de um lado, açougues e peixarias viram na tragédia mais uma oportunidade de lucro, vendendo aos famintos ossos de boi (DIÁRIO DO CENTRO DO MUNDO, 6/10/2021) e carcaças de peixe (BRASIL 247, 6/10/2021), conforme se pôde constatar em reportagens publicadas na imprensa. De outra parte, cresceu de maneira assustadora o número de queimaduras, muitas vezes fatais, provocadas pelo fato de que milhares de famílias passaram a cozinhar com álcool (CONTAIFER, 6/2/2022), tendo em vista o aumento do preço do botijão de gás (GERCINA, 13/3/2022).

E isso não é tudo, pois, de janeiro de 2019 a novembro 2021, mais de 7 mil crianças morreram de desnutrição no Brasil (DIAS, 15/11/2021), e hoje a internação por desnutrição infantil é a maior desde 2012 (BORGES, 24/2/2023). Acrescente-se ao quadro o fato de que professores da rede pública de ensino começaram a relatar episódios estarrecedores, em que alunos desmaiam de fome na escola, além de casos em que estudantes normalmente calmos têm tido atitudes de extrema agressividade porque não estão suportando a fome. Evidentemente, esta situação provoca danos irreparáveis no aprendizado, o que tende a se agravar pela evasão escolar, pois muitos alunos têm abandonado os estudos para tentarem obter algum trabalho que lhes permita ajudar no sustento da casa (CARRANÇA, 17/11/2021).

Diante de toda essa catástrofe, médicos alertam para o fato de que uma alimentação de má qualidade ou insuficiente fragiliza o sistema imunológico, deixando 33 milhões de brasileiros famintos e cerca de 125 milhões que sofrem de insegurança alimentar mais vulneráveis a doenças infecto-contagiosas.

Mas não é só: no caso das crianças, a fome ou uma alimentação inadequada e insuficiente terão consequências para toda a vida. Conforme lembrou José Graziano da Silva, ex-diretor da FAO, *“crianças que passam fome antes dos 5 anos, se sobreviverem, levarão a marca da desnutrição para o resto da vida, não terão desenvolvimento intelectual e motor normal. Estamos, portanto, condenando o futuro de milhões de brasileiros”* (Apud BENEVIDES, COMPARATO, 10/12/2021).

Por outro lado, o fato de, no Brasil, verificar-se o fenômeno da feminização da fome, constitui um perigo a mais, pois *“crianças que vivem em lares comandados por mães em situação*

*de insegurança alimentar estão mais sujeitas à subnutrição” (MAZZA, BRAGA, BUONO, 20/7/2022). E é essa a realidade que se pode constatar na tabela abaixo:*

**Tabela 6. Percentual de domicílios com moradores menores de 10 anos, segundo condição de Segurança/Insegurança Alimentar, por sexo da pessoa de referência – Brasil, 2021/2022.**

<b>Sexo</b>	<b>Segurança Alimentar</b>	<b>Insegurança Alimentar Leve</b>	<b>Insegurança Alimentar Moderada</b>	<b>Insegurança Alimentar Grave</b>
<b>Masculino</b>	40,5	20,5	16,8	13,2
<b>Feminino</b>	26,3	29,0	21,4	23,3

**Fonte:** CHAVES, 2023, p. 74.

A ironia – e por que não dizer? – a perversidade dessa política de desmonte fica ainda mais evidente se considerarmos a declaração feita por Jair Bolsonaro, em 19 de julho de 2019. Segundo o ex-presidente,

o Brasil é um país rico para praticamente qualquer plantio. Fora que passar fome no Brasil é uma grande mentira. Passa-se mal, não come bem, aí eu concordo. Agora, passar fome, não. Você não vê gente, mesmo pobre, pelas ruas, com físico esquelético, como a gente vê em alguns países pelo mundo. Falar que se passa fome no Brasil é discurso populista, tentando ganhar simpatia popular, nada além disso (O GLOBO, 19/7/2019).

Contudo, não foi isso o que se viu, pois em julho de 2022 a FAO anunciou que o Brasil voltara ao mapa da fome, o que já vinha se desenhando desde 2018 (FAO, 2022). E, na verdade, o fato é ainda mais grave se considerarmos que, de acordo com o relatório, a porcentagem da população que sofre de insegurança alimentar grave ou moderada em relação à população total é maior no Brasil (28,9%) do que a média mundial (28,1%) (FAO, 2022, p. 180-184). Sobre essa catástrofe, assim se manifestou o economista Walter Belik: *“Estamos numa situação de retrocesso que é única no mundo. Não há sequer um caso na história documentado pela FAO de um país que saiu do Mapa e voltou. Nenhum. Esse é o tamanho da tragédia que estamos vivendo”* (Apud FOLHA DE S. PAULO, 23/1/2022).

### **Considerações finais**

Em face do exposto, verifica-se que o país se encontra diante de uma urgência trágica: oferecer alimentação saudável e suficiente a 125 milhões de indivíduos. E esta é a tarefa mais premente do novo governo, não apenas por questões humanitárias, mas também

porque a fome tem enorme potencial para provocar convulsão social, conforme advertência feita por Josué de Castro na década de 1940 (CASTRO, 1957, v. 1, p. 139-140).

E é exatamente essa perspectiva que levou José Graziano da Silva, em entrevista à rede alemã *Deutsche Welle* (DW Brasil), e reproduzida pelo *Portal UOL*, a alertar para a necessidade de serem tomadas medidas urgentes, pois a fome chegou a uma “*situação explosiva*”, e atingiu um patamar que “*nunca se tinha visto*” (UOL NOTÍCIAS, 1/3/2022). No entanto, José Graziano adverte que medidas emergenciais para enfrentar o problema não serão suficientes, tendo em vista que “*o mais importante no programa de erradicação da fome é geração de emprego e renda dentro de um processo de desenvolvimento econômico inclusivo, que distribua melhor a renda*” (UOL NOTÍCIAS, 1/3/2022).

Por outro lado, é também urgente que o país enfrente as desigualdades de gênero, o que ficou evidente durante a pandemia, quando a fome atingiu muito mais significativamente as mulheres e, conseqüentemente, seus filhos. Ademais, e como salientado pela FAO, no relatório apresentado em 2021, é preciso que se criem mecanismos para que os sistemas alimentares nacionais resistam a perturbações e a impactos negativos, como é o caso da pandemia de Covid-19 que, em 2020, afetou a segurança alimentar de um contingente calculado entre 720 milhões e 811 milhões de pessoas em todo o mundo, isto é, 161 milhões a mais do que em 2019 (FAO, 2021, p. V).

Por fim, é necessário que o Brasil enfrente o modelo econômico adotado desde 2016 e aprofundado a partir de 2019, que amplia as desigualdades e privilegia os setores rentistas da economia e aqueles voltados para a exportação de produtos primários. Segundo Ladislav Dowbor,

A compreensão desse contexto é importante para entender o retorno da fome ao Brasil em dimensões tão dramáticas. (...) apenas dois setores da economia brasileira são dinâmicos: a intermediação financeira, em suas diferentes modalidades, e a exportação de bens primários, que constitui, em grande medida, uma descapitalização do país em proveito dos grupos de intermediação de commodities. A explosão radical da fome e da insegurança alimentar está diretamente ligada a ambos: a apropriação dos recursos pelos grupos financeiros reduz a capacidade de compra da população, que não tem como pagar pelos alimentos, e a exportação de alimentos pela agroindústria gera uma escassez no mercado interno e a alta descontrolada dos preços. (...) O resgate do bom senso econômico e a volta do Brasil sem fome implicam, portanto, não só políticas internas adequadas como também o resgate da soberania que perdemos com o golpe de 2016 (DOWBOR, 2022, p. 188-192).

Portanto, para que o Brasil possa combater a fome e atingir os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU, é necessário que sejam criados mecanismos de

defesa de todo o sistema alimentar nacional, de forma a que este resista não apenas a eventos imprevisíveis (como é o caso da pandemia de Covid-19), mas também a crises econômicas e políticas que, em função de interesses os mais diversos, possam levar à rápida destruição de políticas e instrumentos voltados para a eliminação da pobreza e para a garantia de uma alimentação saudável e suficiente para toda a população.

Assim, é urgente que a sociedade brasileira reflita e se organize para enfrentar o desmonte do Estado brasileiro, a liquidação das políticas públicas, a destruição da economia, as desigualdades seculares, o descalabro na condução da pandemia e a tentativa de extermínio de parte de sua população, para que consigamos construir um país mais desenvolvido e menos desigual. Afinal, como salientou Ladislau Dowbor, “*a fome no Brasil não é um acidente, é uma opção*” (DOWBOR, 2022, p. 192).

#### **Referências bibliográficas:**

AGÊNCIA BRASIL. IBGE: inflação oficial fecha 2021 com alta de 10,06%, 11/1/2022 (disponível em: <[agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticias/2022-01/IBGE-infacao-medida-pelo-ipca-fecha-2021-com-alta-de1006#:~:text=Publicado%20em2011%2F01%2F20...](http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticias/2022-01/IBGE-infacao-medida-pelo-ipca-fecha-2021-com-alta-de1006#:~:text=Publicado%20em2011%2F01%2F20...)>, acesso em: 8/4/2022).

ALVARENGA, Darlan. IPCA: inflação acelera para 1,62% em março, maior para o mês em 28 anos. *G1 Economia*, 8/4/2022 (disponível em: <[g1.globo.com/economia/noticia/2022/04/08/ipca-inflacao-acelera-para-162percent-em-marco.ghtml](http://g1.globo.com/economia/noticia/2022/04/08/ipca-inflacao-acelera-para-162percent-em-marco.ghtml)>, acesso em: 8/4/2022).

ALVES, José Eustáquio Diniz. Índice de preço de alimentos bate recorde histórico em fevereiro de 2022. *EcoDebate*, 8/4/2022 (disponível em: <[ecodebate.com.br/2022/03/07/indice-de-preco-dos-alimentos-bate-recorde-historico-em-fevereiro-de-2022/](http://ecodebate.com.br/2022/03/07/indice-de-preco-dos-alimentos-bate-recorde-historico-em-fevereiro-de-2022/)>, acesso em: 8/4/2022).

BANCO CENTRAL DO BRASIL. *Cotações e boletins*, 27/4/2022 (disponível em: <[bcbr.gov.br/estabilidadefinanceira/historicocotacoes](http://bcbr.gov.br/estabilidadefinanceira/historicocotacoes)>, acesso em: 27/4/2022).

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita; COMPARATO, Fábio Konder. Quem tem fome não pode esperar. *Piauí*, 10/12/2021 (disponível em: <[piaui.folha.uol.com.br/quem-tem-fome-nao-pode-esperar/](http://piaui.folha.uol.com.br/quem-tem-fome-nao-pode-esperar/)>, acesso em: 10/4/2022).

BORGES, Stella. Bate desespero: internação por desnutrição infantil é a maior desde 2012. *Uol Notícias*, 24/2/2023 (disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2023/02/24/internacao-criancas-desnutricao-infantil.htm>>, acesso em: 24/2/2023).

Calendário do auxílio emergencial: confira todos os pagamentos. *Istoé Dinheiro*, 27/11/2020 (disponível em: <[istoedinheiro.com.br/ate-o-fim-de-2020-veja-aqui-todas-as-datas-do-auxilio-emergencial/](http://istoedinheiro.com.br/ate-o-fim-de-2020-veja-aqui-todas-as-datas-do-auxilio-emergencial/)>, acesso em: 27/5/2021).

CAMPELLO, Tereza. É possível enfrentar e superar a fome. De novo. *Focus Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 19/7/2021, nº 19 (disponível em: <[fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2021/07/Focus17Jul2021.pdf](http://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2021/07/Focus17Jul2021.pdf)>, acesso em: 20/7/2021).

CARDIM, Maria Eduarda; LIMA, Bernardo. Renda do brasileiro é a menor em 8 anos, aponta IBGE. *Correio Braziliense*, 20/11/2021 (disponível em: <[correio braziliense.com.br/econbomia/2021/11/4964566-renda-do-brasileiro-e-a-menor-em-8-anos-aponta-ibge.html](http://correio braziliense.com.br/econbomia/2021/11/4964566-renda-do-brasileiro-e-a-menor-em-8-anos-aponta-ibge.html)>, acesso em: 10/4/2022).

CARRANÇA, Thais. Minha aluna desmaiou de fome: professores denunciam crise urgente nas escolas brasileiras. *BBC News*, 17/11/2021 (disponível em: <[bbc.com/portuguese/brasil-59215351.amp](http://bbc.com/portuguese/brasil-59215351.amp)>, acesso em: 18/11/2021).

CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. São Paulo: Brasiliense, 1957, 2 v.

CHAVES, Sandra Maria (Coord.) Insegurança alimentar e desigualdades de raça/cor da pele e gênero. *II VIGISAN: inquérito sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil*: Suplemento II. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2023.

CONTAIFER, Juliana. As cicatrizes da fome. *Metrópoles*, 6 fev. 2022 (disponível em: <[metrópoles.com/materias-especiais/cicatrizes-da-fome-acidentes-com-alcool-liquido-crescem-com-crise-do-gas](http://metrópoles.com/materias-especiais/cicatrizes-da-fome-acidentes-com-alcool-liquido-crescem-com-crise-do-gas)>, acesso em: 17/4/2022).

CORSINI, Iuri. Brasil tem quase cinco milhões de mulheres a mais que homens, diz IBGE. *CNN Brasil*, 22/7/2022 (disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-tem-quase-cinco-milhoes-de-mulheres-a-mais-que-homens-diz-ibge/>>, acesso em: 22/4/2023).

COSTA, Mariana. Não culpe a pandemia e a guerra pela inflação dos alimentos no Brasil. *O João e o Trigo*, 12/5/2022 (disponível em: <<http://ojoioeotrigo.com.br/2022/05/nao-culpe-a-pandemia-e-a-guerra-pela-inflacao-dos-alimentos-no-brasil/>>, acesso em: 20/2/2023).

COSTA, Samuel. Inflação: preços de alimentos sobem 21,4% desde o início da pandemia. *Poder 360*, 31/10/2021 (disponível em: <[poder360.com.br/economia/inflacao-precos-de-alimentos-sobem-214-desde-o-inicio-da-pandemia/](http://poder360.com.br/economia/inflacao-precos-de-alimentos-sobem-214-desde-o-inicio-da-pandemia/)>, acesso em: 28/11/2021).

DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DER WEID, Jean Marc Von. A inflação de alimentos. *A Terra é Redonda*, 27/2/2023 (disponível em: <[https://aterraeredonda.com.br/a-inflacao-de-alimentos/?utm\\_source=newsletter&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=novas-publicacoes&utm=2023-02-27](https://aterraeredonda.com.br/a-inflacao-de-alimentos/?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=novas-publicacoes&utm=2023-02-27)>, acesso em: 27/2/2023).

DIAS, Victor. Sob Bolsonaro, mais de 7 mil crianças morreram por desnutrição no Brasil. *Diário do Centro do Mundo*, 15/11/2021 (disponível em: <[diariodocentrodomundo.com.br/sob-bolsonaro-7-mil-criancas-desnutricao/](http://diariodocentrodomundo.com.br/sob-bolsonaro-7-mil-criancas-desnutricao/)>, acesso em: 15/11/2021).

DIEESE. Cesta básica de alimentos em São Paulo (disponível em: <[dieese.org.br/cesta/produto](http://dieese.org.br/cesta/produto)>, acesso em: 6/4/2022).

DOU. *Medida Provisória nº 1.039, de 18 de março de 2021* (disponível em: <[in.gov.br/em/web/dou/-/medida-provisoria-n-1.039-de-18-de-marco-de-2021-309292254](http://in.gov.br/em/web/dou/-/medida-provisoria-n-1.039-de-18-de-marco-de-2021-309292254)>, acesso em: 27/5/2021).

DOWBOR, Ladislav. Fome, uma decisão política e corporativa In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (Org.). *Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro*. São Paulo: Elefante, 2022.

Esse é o Brasil de Bolsonaro: foto de açougue vendendo osso por R\$ 4,00 viraliza nas redes. *Diário do Centro do Mundo*, 6/10/2021 (disponível em: <diariodocentrodomundo.com.br/essencial/esse-e-o-brasil-de-bolsonaro-foto-de-acougue-vendendo-osso-por-r-400-viraliza-nas-redes>, acesso em: 7/10/2021).

FAO. *El estado de inseguridad alimentaria en el mundo (2014)* (disponível em: <fao.org/3/i4030/i4030s.pdf>, acesso em: 24/5/2021).

FAO. *El estado mundial de la agricultura y la alimentación (2021)* (disponível em: <fao.org/3/cb4476es/online/cb4476es.html>, acesso em: 14/4/2022).

FAO. *El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición en el mundo (2022)* (disponível em: fao.org/documents/card/em/c/CC0639ES, acesso em: 23/4/2023).

FERRARI, Hamilton. Barril de petróleo supera US\$ 130. *Poder 360*, 8/3/2022 (disponível em: <poder360.com.br/Europa-em-guerra/barril-do-petroleo-supera-us-130/#:~:text=0%20barril%20tipo%20brent%20chegou,em%20US%24%2096%2C84>, acesso em: 10/4/2022).

FIGUEIREDO, Giovanna de Oliveira. A fome tem rosto e gênero: 47% das mulheres brasileiras não têm certeza se farão a próxima refeição. *Jornal do Campus*, 18/7/2022 (disponível em: <www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2022/07/a-fome-tem-rosto-e-genero-47-das-mulheres-brasileiras-nao-tem-certeza-se-farao-a-proxima-refe...>, acesso em: 22/4/2023).

Fome avança no país e carcaça de peixe é vendida em mercado do Pará. *Brasil 247*, 6/10/2021 (disponível em: <brasil247/brasil/fome-avanca-no-pais-e-carcaca-de-peixe-e-vendida-em-mercado-do-para>, acesso em: 7/10/2021).

GALINDO, Eryka et al. Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil. *Food for Justice Working Paper Series*. Food for Justice Power: Politics and Food Inequalities in a Bioeconomy, 2021, Working Paper 4 (disponível em: <lai.fu-berlin.de/pt/forschung/food-for-justice/publications1/Publikationsliste\_Working-Paper-Series/Working-Paper-4/index.html>, acesso em: 27/5/2021).

GERCINA, Cristiane. Preço do gás chega a R\$ 150 e revendedores parcelam botijão em SP. *Folha de S. Paulo*, 13/3/2022 (disponível em: <www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/03/preco-medio-do-gas-chega-a-r-150-e-revendedores-parcelam-botijao-em-sp.shtml>, acesso em: 6/4/2022).

Graziano: fome no Brasil pode chegar a “situação explosiva”. *UOL Notícias*, 1/3/2022 (disponível em: <noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2022/03/01/graziano-fome-no-brasil-pode-chegar-a-situacao-explosiva.htm>, acesso em: 10/4/2022).

G1 ECONOMIA. *Salário mínimo: veja histórico dos últimos reajustes*, 31/12/2021 (disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/12/31/salario-minimo-veja-historico-dos-ultimos-reajustes.ghtml>, acesso em: 27/4/2022).

IBGE. *Cadastro único dos programas sociais – CaÚnico* (disponível em: <https://ces.ibge.gov.br/base-de-dados/metadados/mds/cadastro-unico-dos-programas-sociais-cadunico.html>, acesso em: 23/4/2023).

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua* (disponível em: <[ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas&utm\\_source=landin...](http://ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas&utm_source=landin...)>, acesso em: 24/5/2021).

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua* (disponível em: <[ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?edicao=33362&t=destaques](http://ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?edicao=33362&t=destaques)>, acesso em: 10/4/2022).

JAGER, Henrique. Os custos da política de preços da Petrobras para a sociedade. *Carta Capital*, 24/9/2021 (disponível em: <[cartacapital.com.br/opiniao/os-custos-da-politica-de-precos-da-petrobras-para-a-sociedade/](http://cartacapital.com.br/opiniao/os-custos-da-politica-de-precos-da-petrobras-para-a-sociedade/)>, acesso em: 8/4/2022).

MALAR, João Pedro. Renda média do brasileiro cai 1,1% no trimestre até janeiro; queda anual chega a 9,7%. *CNN Brasil*, 18/3/2022 (disponível em: <[cnnbrasil.com.br/business/enda-media-do-brasileiro-cai-11-no-trimestre-ate-janeiro-queda-anual-chega-a-97/#:~:text=A%20divulgacao%20foi%20feita%20pelo%20](http://cnnbrasil.com.br/business/enda-media-do-brasileiro-cai-11-no-trimestre-ate-janeiro-queda-anual-chega-a-97/#:~:text=A%20divulgacao%20foi%20feita%20pelo%20)>, acesso em: 10/4/2022).

MALUF, Renato Sérgio Jamil (Coord.). Projeto VIGISAN. *Inquérito nacional sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil*, 2021 (disponível em: <[pesquisassan.net.br/olheparaafome](http://pesquisassan.net.br/olheparaafome)>, acesso em: 27/5/2021).

MALUF, Renato Sérgio Jamil (Coord.). *II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil*. São Paulo, Fundação Friedrich Ebert / Rede PENSSAN, 2022.

MARCEL, Renan. Ossos de boi, arroz e feijão quebrado formam cardápio de um Brasil que empobrece. *El País*, 25/7/2021 (disponível em: <[Brasil.elpais.com.br/Brasil/2021-07-25/arroz-quebrado-bandinha-de-feijao-e-ossos-de-boi-vao-para-o-prato-de-um-brasil-que-empobrece.html](http://Brasil.elpais.com.br/Brasil/2021-07-25/arroz-quebrado-bandinha-de-feijao-e-ossos-de-boi-vao-para-o-prato-de-um-brasil-que-empobrece.html)>, acesso em: 3/8/2021).

MARTINS, Rodrigo. Âncora fiscal. *Carta Capital*, nº 1240, ano 28, 28 dez. 2022, p. 43.

MAZZA, Luigi; Thallys Braga; Renata Buono. Proporcionalmente à população, para cada homem passando fome, há duas mulheres na mesma situação. *Piauí*, 20/7/2022 (disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/proporcionalmente-populacao-para-cada-homem-passando-fome-ha-duas-mulheres-na-mesma-situacao/>>, acesso em: 22/4/2023).

NERI, Marcelo. *Insegurança alimentar no Brasil: pandemia, tendências e comparações internacionais*. Rio de Janeiro: FGV Social, 5/2022, p. 6 (disponível em: <<https://cps.fgv.br/FomeNaPandemia>>, acesso em: 16/4/2022).

ONU News, 5/10/2015 (disponível em: <[news.un.org/PT/audio/2015/10/1149521](http://news.un.org/PT/audio/2015/10/1149521)>, acesso em: 27/5/2021).

Pobreza extrema afeta 13,7 milhões de brasileiros, diz IBGE. *Folha de S. Paulo*, 12/11/2020 (disponível em: <[www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/11/pobreza-extrema-afeta-137-milhoes-brasileiros-diz-ibge.shtml#:~:text=De%20acordo%20com%20IBGE.a%20met...](http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/11/pobreza-extrema-afeta-137-milhoes-brasileiros-diz-ibge.shtml#:~:text=De%20acordo%20com%20IBGE.a%20met...)>, acesso em: 26/5/2021).

Preço mundial dos alimentos atinge máxima dos últimos 10 anos, diz FAO. *CNN Brasil*, 4/11/2021 (disponível em: <[cnnbrasil.com.br/business/preco-mundial-de-alimentos-atinge-maxima-dos-ultimos-10-anos/](http://cnnbrasil.com.br/business/preco-mundial-de-alimentos-atinge-maxima-dos-ultimos-10-anos/)>, acesso em: 28/11/2021).

VANUCCHI, Camilo; Simone de Camargo. *Fome: como enfrentar a maior das violências*. São Paulo, Discurso Direto, 2022, p. 70.

VIEIRA, Ezequiel. Desemprego: Brasil tem 12 milhões de pessoas em busca de trabalho, diz IBGE. *Diário do Centro do Mundo*, 29/4/2022 (disponível em: <[diariodocentrodomundo.com.br/desemprego-brasil-tem-12-milhoes-de-pessoas-em-busca-de-trabalho-diz-ibge/](http://diariodocentrodomundo.com.br/desemprego-brasil-tem-12-milhoes-de-pessoas-em-busca-de-trabalho-diz-ibge/)>, acesso em 29/4/2022).

Volta do Brasil ao Mapa da Fome é retrocesso inédito no mundo. *Folha de S. Paulo*, 23/1/2022 (disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/01/volta-do-brasil-ao-mapa-da-fome-e-retrocesso-inedito-no-mundo-diz-economista.shtml>>, acesso em: 23/4/2023).